

DEDICO ESTA OBRA...

Ao meu pai Claudino,

Uma personalidade marcante,
uma mente brilhante e um pai
sempre presente.

À minha mãe Nelita,

Pelo amor, carinho e dedicação
acima de qualquer medida.

Ao meu irmão D'Artagnan,

Exemplo que conservo de um
viver laborioso, triunfante e
generoso.

À minha irmã Cláudia,

Cuja perseverança e docilidade,
as vicissitudes da vida não pude-
ram furta.

E à minha Vó Izolina,

Que ao partir levou para o porvir
um pouco da minha história.

SUMÁRIO

Prefácio.....	11
UMA INTRODUÇÃO AO MUNDO	
APOSTÓLICO	15
Os aspectos facilitadores da difusão da fé cristã no mundo greco-romano	21
1. A enorme exclusão social romana e a expectativa de uma nova era	23
2. O senso de unidade e universalidade política do Império Romano.....	33
3. A segurança e a facilidade de trânsito terrestre e marítimo	38
4. A facilidade de comunicação com a universalidade da língua grega e a expansão do latim	40
5. O amplo desenvolvimento do comércio internacional promovido pela riqueza do império	44
6. A expansão do judaísmo da diáspora ...	47
7. A decadência religiosa dos povos conquistados por Roma.....	53
8. A contribuição da filosofia grega	55

Os fatores inibidores da historicidade apostólica.....	61
1. A modéstia e a simplicidade dos apóstolos não os tornavam objetos de análise biográfica para os primeiros cristãos	61
2. A ausência de uma perspectiva histórica duradoura, por parte da Igreja primitiva.....	63
3. O desinteresse da história secular pelo cristianismo primitivo	64
4. O advento da sucessão apostólica	67
5. A crescente rivalidade entre a Igreja oriental e ocidental e a corrida pelas relíquias apostólicas.....	69
A visão estratégica dos apóstolos	74
BARTOLOMEU	83
A vocação de Bartolomeu.....	86
Bartolomeu na Ásia Menor	90
Bartolomeu rumo ao Oriente	94
Bartolomeu, o iluminador da Armênia.....	101
Um retrato de Bartolomeu.....	105
Os restos mortais de Bartolomeu.....	106
MATEUS	109
Uma profissão indigna.....	112
Sua capacitação e relação íntima com o dinheiro	117
Mateus visto pelas lendas da tradição medieval	120
A morte de Mateus.....	125
A tradição e as novas descobertas sobre os restos mortais de Mateus ...	127
SIMÃO ZELOTE	131
A obscura origem de Simão Zelote.....	132
Obstinação, violência e morte na saga dos zelotes	135
A tradicional missão às ilhas Britânicas	147
As contradições acerca de sua morte.....	166
Os restos mortais de Simão Zelote.....	169
JUDAS ISCARIOTES.....	173
As especulações sobre sua origem	175
Judas, um tesoureiro pouco confiável	178

O breve apostolado de Judas.....	181
A traição.....	183
O suicídio de Judas	187
Reconciliando as narrativas sobre sua morte	189
Judas, exaltado pelos textos apócrifos	193
As especulações filosóficas sobre os feitos e o destino de Judas	194
Uma vaga a ser preenchida	196
Matias, o décimo terceiro apóstolo.....	200
TOMÉ	203
Uma personalidade marcante.....	204
A rica tradição sobre as missões de Tomé	212
Como se deu o martírio de Tomé?	222
As relíquias e o túmulo de Tomé	224
ANDRÉ	229
Seguindo os passos de João Batista	230
As missões no leste europeu e o martírio em Patras, na Grécia	237
André realmente estabeleceu a igreja de Bizâncio?	246
Os restos mortais de André	249
FILIFE	255
O outro apóstolo, Filipe	256
O apóstolo Filipe, um dos doze do Senhor.....	260
O apostolado de Filipe na Frígia.....	262
O embate teológico em Atenas	267
Filipe evangelizou a Gália?	271
Filipe, sepultado em Hierápolis ou em Roma?	273
JUDAS TADEU	275
A conexão com a Igreja da Armênia	280
Outras possíveis missões de Tadeu pelo mundo antigo	287
A morte de Judas Tadeu	288
JOÃO	293
A influência de João Batista	295
João, discípulo de Cristo.....	296

O discípulo a quem Jesus amava.....	301
João e a ressurreição de Cristo.....	308
O ministério de João no livro de Atos.....	312
O ministério de João em Éfeso.....	316
João ministrou na capital imperial?.....	335
O exílio em Patmos e o retorno a Éfeso.....	336
O local do descanso de João.....	349
OS DOIS TIAGOS.....	355
Quem foi Tiago, o Justo?.....	356
O obscuro Tiago, filho de Alfeu.....	359
A lendária semelhança física com Jesus.....	360
Tiago Menor seria também um zelote?.....	362
A semelhança entre o martírio de Tiago Menor e o de Tiago, o Justo.....	363
Os restos mortais de Tiago Menor seriam de Tiago, irmão de Jesus?..	365
Tiago Maior, o filho de Zebedeu.....	367
Como se explica a ausência de Tiago Maior em Atos?.....	369
A missão de Tiago à Espanha realmente ocorreu?.....	371
Tiago Maior, o primeiro mártir dos doze.....	379
O lendário traslado dos restos mortais de Tiago para a Hispânia....	385
As alternativas ao achado das relíquias de Tiago na Espanha.....	387
SIMÃO PEDRO.....	393
O chamado de Pedro.....	395
As peripécias de um discípulo tempestuoso.....	399
Pedro nega a Jesus.....	407
A ressurreição de Cristo: um recomeço para Pedro.....	411
A ousadia de Pedro em Atos dos Apóstolos.....	417
As missões de Pedro no mundo gentílico.....	436
O ministério e a execução de Pedro em Roma.....	451
Petronila, a lendária filha de Pedro.....	472
Os restos mortais de Pedro.....	476
A controvertida primazia de Pedro e sua suposta relação com o papado ..	481
O bispo de Roma e o título de “Pontífice Máximo”.....	489
Pedro, o príncipe dos apóstolos.....	501
BIBLIOGRAFIA.....	507
APÊNDICE À EDIÇÃO AMPLIADA.....	511

PREFÁCIO

Todos os que verdadeiramente amam ao Senhor Jesus gostariam de conhecer, de modo mais aprofundado, as biografias de seus discípulos, para além das informações disponíveis nos evangelhos e no livro de Atos. Quando, há algum tempo, meu amigo Aramis DeBarros me procurou para solicitar um prefácio para o livro que estava escrevendo sobre a vida dos apóstolos, cuidei que se tratava de uma obra simples e superficial. Não imaginava que este nobre autor teria a capacidade e a determinação necessárias para produzir um tomo de semelhante qualidade e magnitude.

Doze Homens, Uma Missão é uma obra séria sobre os discípulos

de Cristo e dotada de uma envergadura – creio eu – nunca antes alcançada por qualquer autor evangélico ou católico no Brasil. Pelo menos, que eu conheça.

Lendo este livro, surpreendi-me com o alcance e a profundidade da pesquisa aqui conduzida. Uma vasta gama de informação inédita e muito interessante é oferecida. O autor teve muito cuidado em recriar o ambiente histórico da época apostólica, necessário para uma melhor compreensão da vida dos santos em questão.

Com efeito, informações as mais diversas tiveram de ser devidamente avaliadas na produção deste livro. Afinal, como saber se o escritor antigo ou medieval reproduziu em sua obra um fato verídico ou uma fantasia? Sabemos que, infelizmente, dados seguros acerca da vida dos apóstolos, fora do Novo Testamento, são muito escassos. Imagino que não tenha sido fácil ao nosso autor avaliar com precisão todas essas informações. Mas, quem teria sido mais equilibrado e cuidadoso ao apresentá-las?

Os leitores que se interessam por biografias apostólicas certamente sentirão que têm uma enorme dívida para com o autor, em função deste extraordinário trabalho de pesquisa. Aramis não mediu esforços para garimpar informações apostólicas de fontes onde não se pensava encontrá-las. Uma rápida olhada nas páginas desta obra evidenciará seus esforços na busca de fatos e escritos sobre a vida daqueles que – excetuados Jesus e Paulo – foram os personagens mais famosos do primeiro século. Quem poderia imaginar que semelhante obra procederia da pena de um leigo e não de um acadêmico, de um seminarista ou de um teólogo de gabinete?

Doze Homens, Uma Missão é muito bem escrito. Não é uma leitura monótona ou cansativa e seu valor sobressai pelos vários assuntos edificantes que permeiam a investigação do autor sobre a vida dos discípulos de Cristo.

Aramis DeBarros não é um evangélico que deseja reputar como fruto de lendas desprezíveis a exaltação que a Igreja Católica faz dos apóstolos. Ele não escreve motivado por tendências sectárias ou iconoclastas. Acredito que ninguém poderá acusá-lo de favorecer algum segmento religioso em particular, mesmo sendo ele um autor de persuasão evangélica.

A extensão desta obra, *per se*, faz-nos concluir que o autor não omitiu os elementos essenciais de uma genuína pesquisa biográfica sobre os doze de Cristo. Antes, fez o máximo para iluminar o leitor sobre tudo o que, de modo relevante, diz respeito ao tema tratado. Creio, igualmente, que o leitor ficará satisfeito e esclarecido com a maneira pela qual o livro revela o panorama do mundo neotestamentário. Muita informação relevante, como alguns costumes típicos dos judeus e gentios de então, o episódio da destruição de Jerusalém, a penetração do evangelho no mundo romano, além de outros temas e acontecimentos que certamente interessam ao pesquisador bíblico, estão encerrados entre as capas deste livro.

Enfim, parabenizo ao amigo Aramis DeBarros e recomendo a leitura atenta de seu trabalho. Não encontrei praticamente nenhum motivo para discordar de suas posições aqui representadas. Penso que esta obra literária será recebida com muito sucesso, tanto dentro como fora dos meios evangélicos. Isso deve, inclusive, encorajar o autor a escolher outro tema interessante para dirigir suas futuras pesquisas. Baseado neste primeiro livro, acredito que seus leitores aguardarão ansiosamente outras obras neste estilo.

A Deus toda a glória!
Russell P. Shedd, Ph.D.

“...e ser-me-eis
testemunhas, tanto
em Jerusalém, como
em toda a Judéia
e Samária, e até os
confins da terra”.

Atos 1.8

UMA INTRODUÇÃO AO MUNDO APOSTÓLICO

Para compreender melhor o ministério apostólico dos doze discípulos de Jesus, é interessante que, primeiro, dediquemos algum tempo analisando as condições culturais, políticas e religiosas vigentes no século I da era cristã, cenário em que se desenrolaram as atividades missionárias dos apóstolos, cujas vidas serão objeto de nossa investigação posterior.

Uma vez incumbidos de anunciar as boas-novas do evangelho a toda criatura (Mt 28.19; At 1.8), os apóstolos passaram por um processo gradativo e, por vezes, penoso de ruptura com a típica xenofobia judaica, produto do entranhado sentimento de exclusividade que, via de regra, seus conterrâneos

nutriam em relação ao Todo-Poderoso. A desafiadora perspectiva de evangelizar os gentios impulsionou suas numerosas campanhas missionárias, orientadas para um mundo que, embora ostentasse uma atmosfera relativamente pacífica, apresentava muitas situações de conflitos sociais localizados, características de uma sociedade que experimentava o impacto de profundas transformações culturais como as vividas no século I. Essa conjuntura social ofereceu às missões apostólicas horizontes tão atraentes quanto perigosos, como veremos detalhadamente mais adiante.

As primeiras experiências de oposição enfrentadas pelos doze apóstolos, no exercício da propagação de sua fé, não vieram do estrangeiro, mas de seu ambiente, de casa, na época, chamada província romana da Judéia. Ali, a tenaz resistência das instituições judaicas sedimentou, aos poucos, a realidade de que aqueles por quem o Messias viera não o receberiam (Mt 20.16; Jo 1.11).

Embora a mensagem apostólica tenha encontrado solo fértil em muitos corações em Israel, tornava-se cada vez mais clara que a direção divina os impelia ao encontro dos gentios e judeus de além-fronteira, chamados de judeus da diáspora, para um ministério em que o limite seria o próprio mundo conhecido na época.

Essa direção pode ser inferida, por exemplo, pelo teor dessa oposição que os primeiros cristãos sofreram de seus conterrâneos judeus, particularmente dos líderes religiosos da cidade de Jerusalém, onde a Igreja se concentrava em seus primórdios, existindo, sobretudo, como fruto de uma experiência comunitária profundamente fraterna e espontânea.

O fulminante crescimento da nova fé causou, a princípio, a forte reação dos saduceus que eram os sacerdotes que compunham a moralmente suspeita elite religiosa judaica, com a qual os dominadores romanos mantinham estreitas e promíscuas relações. Duas razões básicas explicam a hostilidade dos saduceus contra a recém-formada Igreja. A primeira delas foi a ênfase apostólica na ressurreição dos mortos, que os saduceus, por razões escatológicas, julgavam politicamente perigosa. Para o judeu da época, a ressurreição dos mortos significava muito mais que um distante evento espiritual. Era a própria consumação dos tempos, a chegada do juízo divino

inaugurando uma nova ordem mundial em que os potentados humanos seriam subvertidos e os ímpios seriam, enfim, punidos. Cientes de que os magistrados romanos locais estavam a par dessa crença em toda sua suposta aceção revolucionária, os sacerdotes temiam que mensagens enfáticas sobre a ressurreição pudessem agitá-los, causando uma indesejável instabilidade política e social. Outro fator preponderante para essa oposição dos líderes de Israel à Igreja foi a insistente presença evangelizadora dos apóstolos e seus discípulos na área do templo, considerada de jurisdição sacerdotal. Os cristãos não apenas aproveitavam as concorridas dependências do santuário para anunciar o evangelho às massas, mas ali também operavam prodígios e milagres, conquistando definitivamente muitos adeptos para a nova fé (At 2.43, 46; 3.1-10; 4.1-4; 5.42). Diante dessa conjuntura, os saduceus, com o apoio do sinédrio – a assembléia judaica da qual faziam parte –, detonaram a primeira perseguição à Igreja, motivados não apenas pela tentativa de refrear sua rápida multiplicação entre o povo (At 2.41; 4.4), mas também pelo esforço de manter isento desse contágio seus colegas de sacerdócio (6.7).

Por volta de 34 d.C., a resistência judaica aos seguidores de Cristo é adotada também pelos fariseus, considerados os maiores guardiões da Lei Mosaica e dos ensinamentos rabínicos. O sábio Gamaliel, um de seus supremos expoentes, havia aconselhado ao sinédrio, pouco tempo antes, que se evitassem expedientes violentos contra os cristãos como os inicialmente praticados pelos saduceus, sugerindo que a nova “seita” não tinha procedência divina e, naturalmente, estava fadada ao insucesso (At 5.17-42). Entretanto, alguns fariseus não tardaram em desobedecer seu diplomático conselho. Quando Estêvão, um judeu-cristão da diáspora e membro do recém-formado diaconato da igreja de Jerusalém, destacou-se diante do povo com sinais miraculosos e com sabedoria bíblica irresistível, logo a ira farisaica levantou-se novamente, instigando, de forma inapelável, sua lapidação pública (6.8-8.2).

Apesar dessas e de outras dificuldades que marcaram os anos inaugurais da igreja jerosolimita, os primeiros capítulos de Atos nos permitem também constatar que as perseguições contra o evangelho nos limites da cidade sagrada, por mais severas que parecessem, não

foram suficientes para, em um primeiro momento, provocar uma mudança substancial nos planos evangelísticos dos apóstolos. A prioridade máxima dos apóstolos ainda era permanecer, a todo custo, em Jerusalém para fortalecer a igreja local e convencer a nação judaica acerca do messianismo de Cristo e de seu iminente retorno, embora, como registra Lucas, em Atos 8.1,4, já não fosse mais a prioridade de alguns de seus discípulos:

Naquele dia levantou-se grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos **exceto os apóstolos**, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samária...

No entanto os que foram dispersos **iam por toda parte**, anunciando a palavra.

A despeito de toda essa relutância, devemos reconhecer que o caráter essencialmente universal do evangelho não esteve oculto dos apóstolos nem mesmo no desabrochar da Igreja, durante o episódio do Pentecostes. Essa experiência, magnífica em toda sua transcendência, ganhara um caráter cosmopolita pela presença e pelo testemunho de judeus e prosélitos procedentes das mais diversas nações do mundo antigo, milhares deles creram e foram batizados naquele mesmo dia (At 2.41).

Mais adiante, missionários como Paulo, Silas, Barnabé e Timóteo, embora não pertencessem ao seleto rol dos doze apóstolos, influenciaram definitivamente a mudança de curso na ministração apostólica em função de seu grande êxito na evangelização das populações greco-romanas. O dr. William Steuart McBirnie, em sua importante obra *The Search for The Twelve Apostles* [*Em busca dos doze apóstolos*] (p. 41), comenta a repercussão positiva do ministério gentílico de Paulo entre os demais apóstolos, especialmente entre aqueles ainda decididos em dar as costas às missões internacionais:

É possível que as experiências de Paulo tenham se transformado em um desafio direto para muitos cristãos primitivos, e mesmo para alguns dos apóstolos, em relação ao seu alinhamento com

a tarefa que desde o princípio lhes pertencia, a saber, abrir o caminho do evangelho para as nações do mundo...

Posteriormente, pode-se ter usado o livro de Atos como um manual histórico de métodos evangelísticos bem-sucedidos de que Paulo se valeu, como também uma prova clara de como o Espírito Santo abençoava – embora não sem tantos obstáculos – a missão aos gentios. Contudo, mesmo sem sugerir aqui que os apóstolos foram constrangidos à sua tarefa de evangelização mundial pelo livro de Atos – uma vez que a própria data de sua escrita impediria essa conclusão – cremos, ainda assim, na possibilidade de que algumas de suas mais antigas porções, como também as experiências de Paulo relatadas, acabaram por surtir esse efeito...

De fato, o próprio Paulo constatou a relutância dos apóstolos em se dirigirem aos gentios ao apontar sua estratégia evangelística, como vemos em Gálatas 2.9: “E quando conheceram a graça que me fora dada, Tiago, Cefas e João, que pareciam ser as colunas, deram a mim e a Barnabé as destros de comunhão, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão”.

Se o registro das experiências de Paulo, naquilo que mais tarde se tornou o livro de Atos, teve como um de seus maiores propósitos encorajar e instruir os apóstolos e outros obreiros cristãos em relação a sua missão aos gentios, de fato, foi isso que aconteceu. Em algum lugar e em algum momento, os apóstolos, formal ou naturalmente, decidiram pela estratégia da evangelização mundial, cada qual seguindo o destino estabelecido para ele.

Essa tendência da expansão missionária aos gentios acabou reclamando para si um tratado que lhe oferecesse a devida apologia. Tal obra, conhecida como *Atos dos Apóstolos*, foi preparada com esmero pelo médico, historiador e também evangelista Lucas e passou para a posteridade não, como querem alguns, como uma

narrativa fragmentada da história eclesiástica do século 1, mas como um forte argumento de que o próprio Deus, por Seu Espírito, impeliu o cristianismo para além dos limites da tradição judaica, tornando-o irreversivelmente universal.

Os estudiosos de biografias apostólicas são incomodados com a questão – ainda não satisfatoriamente respondida – ligada ao tempo de permanência dos discípulos em Jerusalém após a experiência do Pentecostes. Embora as Escrituras, tanto quanto a história eclesiástica, não tenham deixado dados precisos que nos permitam elucidar essa dúvida, é bem provável que a maior parte deles permaneceu ligada ao templo de Jerusalém e às demais tradições do judaísmo por cerca de vinte anos, a despeito da clara ordenança do Mestre para ir e *ensinar todas as nações*. Talvez a perspectiva do rompimento com o judaísmo tradicional ou o simples afastamento da terra natal representou para aqueles devotos algo muito mais indesejável do que podemos hoje imaginar, resultando, destarte, em uma postergação da tarefa missionária, de glória ímpar, que os aguardava nas searas estrangeiras.

Enfim, em momentos específicos e distintos, os apóstolos romperam gradativamente com as amarras tradicionais que os retinham na cidade sagrada. O que os esperava além das fronteiras de Israel era um mundo regido por valores muito distintos dos seus, um universo de homens, às vezes, ferozmente resistentes à mensagem do evangelho, às vezes, surpreendentemente receptivos a ela. Essas e outras ambigüidades tornaram-se ingredientes marcantes do desafio apostólico de evangelizar as nações; desafio ao qual eles, ao seu tempo, corajosamente atenderam, inspirando a Igreja das eras posteriores a manter sempre acesa a chama da evangelização mundial.

As circunstâncias políticas, sociais e religiosas que esperavam os apóstolos nesse campo missionário cosmopolita serão objeto de nossa análise a seguir. Ela nos ajudará a compreender como esses humildes e, ao mesmo tempo, heróicos galileus conseguiram, em menos de meio século, fazer a obra da cruz ressoar por boa parte do mundo ocidental conhecido na época.

OS ASPECTOS FACILITADORES DA DIFUSÃO DA FÉ CRISTÃ NO MUNDO GRECO-ROMANO

Paulo de Tarso, um dos maiores eruditos do cristianismo e autor de grande parte do Novo Testamento, foi o que alguns intelectuais modernos chamariam “um homem à frente de seu tempo”. Ele, divinamente inspirado, classificou como *plenitude dos tempos* o momento histórico no qual Cristo encarnou e de maneira transformadora entrou na história humana. Talvez o próprio apóstolo, com toda sua erudição e revelação divina, não tenha tido a noção exata da abrangência dessa afirmação registrada em Gálatas 4.4. Hoje, contudo, compreendendo as circunstâncias vigentes nos dias de Paulo, podemos atestar sua acuidade histórica.

O Império Romano, ao qual os judeus e os primeiros cristãos estavam submetidos, representou um dos mais contundentes avanços no desenvolvimento da civilização humana até aquele momento. Ainda no período republicano, que antecedeu a era cristã, Roma construiu boa parte de seu magnífico território. Estendia-se por cerca de 5.000 quilômetros, desde os rincões gélidos da Escócia até o calor desértico da Síria, desde a costa atlântica de Portugal até as regiões balcânicas do Oriente europeu, abrangendo o equivalente a mais de 40 nações atuais. Para Edward Gibbon, autoridade em Roma Antiga, sente-se a prosperidade do Império Romano pelo impressionante número de cidades que floresceram durante seu domínio. De acordo com o autor britânico, somente a península itálica ostentava nada menos que 1.197 cidades, número levemente inferior ao apresentado pelas províncias da Gália e da Hispânia. Na Ásia Menor, onde hoje está a Turquia, havia cerca de 500 cidades, muitas das quais famosas por sua opulência e riqueza. África Proconsular e Numídia, províncias do noroeste africano, reuniam trezentas cidades, das quais Cartago era a grande expoente. Pode-se ainda sentir a prosperidade e a pujança das metrópoles romanas em suas ruínas espalhadas por várias regiões da Europa, África e Oriente Médio, conforme T. R. Reid sentiu pessoalmente e, em função disso, afirma que é impossível ao homem moderno “passar por essas cidades antigas sem sentir uma sensação de assombro diante da energia prodigiosa que os romanos dedicaram ao seu império”.

Os romanos, graças a sua genialidade administrativa, às vezes humana e tolerante, às vezes atroz e implacável, lograram amalgamar uma grande diversidade cultural, formando a partir dela uma poderosa nação que deixaram para a posteridade – como nós mesmos testemunhamos – preciosos legados científicos nas áreas da jurisprudência, da língua, da literatura, da arquitetura, da engenharia e da estratégia.

De fato, como Paulo vislumbrou, a conjuntura característica dos primeiros séculos da nossa era foi muito positiva para a difusão da fé cristã, mesmo considerando-se as severas perseguições do Estado romano contra ela, perpetradas por imperadores, às vezes, tirânicos como Nero e Domitianus (Domiciano), às vezes, probos e piedosos como Trajanus (Trajano) e Marcus Aurelius (Marco Aurélio). Paradoxalmente, a mesma supremacia romana que, em dados momentos, levantou sua temida espada contra o cristianismo, acabou, por outro lado, legando-lhe uma contribuição de suma relevância para seu crescimento triunfante. Essa contribuição político-econômica associada à influência cultural grega e à participação religiosa dos judeus da diáspora transformou os dois primeiros séculos da nossa era em um fertilíssimo campo missionário transcultural. McBirnie resumiu desta maneira as circunstâncias que caracterizaram o mundo da época (*ibidem*, p. 31):

Ainda surgiam de tempos em tempos sinais de algumas rebeliões localizadas, contudo, não pairava qualquer dúvida sobre o fato de que Roma era a sela sobre a qual se assentavam as regiões da Europa, do Norte da África e da Ásia Menor. Augusto e seu sucessor, Tibério, cavalgaram firmemente e por longo tempo sobre essa sela. Qualquer soberano que questionasse essa posição ou qualquer província que ousasse desafiar a César rapidamente se convencia – não sem sanguinolência – de quem realmente regia o mundo. [...]

O desenvolvimento da *Pax Romana* trouxe prosperidade, comércio, educação e homogeneidade cultural e lingüística, além de segurança para as viagens, ou seja, uma preparação ideal para a chegada dos apóstolos e missionários cristãos.

Conhecer mais profundamente esse momento da história romana é, portanto, compreender muito daquilo que determinou os rumos do cristianismo primitivo, em especial, daquele vivido na era apostólica. Consideremos, portanto, de forma mais atenta as circunstâncias sociais citadas por McBirnie, e de que modo cada qual afetou o progresso da mensagem apostólica naquele instante da História, proporcionando-lhe a atmosfera adequada para seu rápido avanço, em especial, nos limites do império.

1. A ENORME EXCLUSÃO SOCIAL ROMANA E A EXPECTATIVA DE UMA NOVA ERA

Embora sinônimo inquestionável de avanço social e político da civilização ocidental, assim como de prosperidade econômica raramente vista na história antiga, o Império Romano estava longe de representar uma sociedade justa e democrática. A concentração de renda era um retrato nítido da iniquidade vigente com o crescente distanciamento entre pobres e ricos. Poucos milhares de privilegiados detinham a maior parte da riqueza imperial, arduamente gerada por cerca de 50 milhões de habitantes. Os patrícios, nobres descendentes (ou pretensamente descendentes) dos *pater familias* – ancestrais agraciados com largas extensões de terra recebidas durante o antigo período monárquico (753-509 a.C.) –, compunham a faixa social mais abastada e politicamente mais influente da sociedade romana. Formavam a chamada classe senatorial, cujos membros eram respeitosamente tratados como *illustres*, *clarissimi* ou *spectabiles*. Sua renda nunca era inferior a um milhão de sestércios, e só a esses cabia o direito ao uso distintivo da faixa púrpura na toga.

Algumas décadas antes de Cristo, o estertor da república testemunhara a ascensão de um estrato social que poderíamos, grosso modo, comparar a uma classe média alta moderna. Referimo-nos à parte da pirâmide social composta por aqueles mais afortunados dentre os plebeus. Os quinhentos anos de período republicano, findados em 27 a.C., foram marcados pela longa luta dos plebeus (indivíduos sem origem patrística) em busca de seus direitos civis.

Com a profissionalização do exército e o crescente desenvolvimento do comércio, ambos alavancados pelo expansionismo romano, muitos plebeus enriqueceram, formando a famosa classe eqüestre. Os cidadãos que compunham essa classe social, cuja renda oscilava entre 400.000 e 1.000.000 de sestércios, eram chamados *perfectissimi* ou *egregii* e – como não poderia deixar de acontecer em uma sociedade rigidamente estratificada – também ostentavam na vestimenta sua condição social privilegiada, só que, nesse caso, com uma pomposa faixa azul na toga.

Contudo, é bom que se tenha em mente que tanto patrícios quanto plebeus bem-sucedidos não representavam senão uma porção ínfima do povo romano. Uma grande camada da população compunha-se do chamado *proletarium*, um grande contingente de miseráveis cujo número, contraditoriamente, crescia à medida que o império se agigantava em poder e em riqueza. Calcula-se que na cidade de Roma, no último século da república, o número de proletários urbanos fosse superior a 320 mil, enquanto as classes abastadas da cidade não tinham mais que 2.000 indivíduos!

A razão de tanta discrepância social era simples. Roma, com suas conquistas militares, absorvia não apenas os despojos de guerra, mas também grandes levas de prisioneiros que eram comercializados como escravos. Quem geralmente os adquiria eram os nobres e os grandes proprietários de terra. Com a facilidade da mão-de-obra barata proporcionada pelos escravos, esses latifundiários inevitavelmente provocavam a falência de seus concorrentes, os pequenos agricultores que representavam quase 90% da população imperial. Além disso, os produtos importados dos territórios anexados pelo Império também causavam, pela concorrência, a falência de inúmeros artesãos romanos. O resultado desse novo desenho econômico foi não só o surgimento, mas o crescimento explosivo da classe proletária, cuja indizível pobreza fazia jus ao nome, ou seja, designava aqueles cujo único bem no mundo era sua prole. Como já foi dito, a maior parte do *proletarium* vivia nas regiões urbanas, apinhando-se em bairros miseráveis e insalubres, ao redor do centro das cidades, em que grassavam a baderna, a criminalidade e a prostituição.

Emanuel de Moraes, em sua volumosa obra *A origem e as transformações do Estado* (Vol. II, p. 149), acrescenta sobre a sina desses desvalidos de Roma:

Não foram apenas os homens livres, cultivadores dos campos a soldo dos antigos proprietários, ou os remanescentes da antiga clientela, que se viram obrigados a emigrar para Roma. Também os próprios donos das terras. Todos desalojados pela abundante mão-de-obra escrava. Inadaptados à nova situação, pois inábeis para os trabalhos industriais ou simplesmente artesanais, onde, de resto, igualmente sofriam a concorrência servil, sem dinheiro e incapazes para o comércio, cujos ramos mais lucrativos eram monopólio dos poderosos e, pelo mesmo motivo, sem acesso aos cargos públicos, esses cidadãos deslocados dos campos foram acrescer à população dos miseráveis de Roma, desempregados ou trabalhando para os ricos em condições de baixíssimo nível.

Desde 123 a.C., com a promulgação das leis frumentárias, o Estado romano procurava amainar a perigosa insatisfação desses desafortunados com a distribuição gratuita e periódica de trigo, a *anona*, para minimizar a fome deles. Além disso, as elites descobriram também que o entretenimento gratuito era uma válvula de escape muito eficaz para aliviar a pressão da exclusão econômica sobre as massas. Assim, surgia a política do *Panem et Circensis*, ou seja, pão e circo gratuitos para o povo. Enquanto no período republicano o governo romano promovia lutas de gladiadores durante três ou, no máximo, quatro semanas por ano, no período imperial, principalmente nos três primeiros séculos da era cristã, esses espetáculos sanguinolentos podiam se estender por meses seguidos. O imperador Titus (Tito), por exemplo, celebrou a tão esperada inauguração do Coliseu, em 80 d.C., divertindo seus mais de 50 mil espectadores com cem dias seguidos de festividades, marcadas não apenas pelas intrigantes encenações de batalhas navais no centro da arena, mas também por violentos embates de gladiadores e a abundante trucidação de criminosos – ou supostos criminosos